



Revista de Enfermagem

UFPE On Line

ISSN: 1981-8963

ORIGINAL ARTICLE

OPINION OF WOMEN ABOUT THEIR LIVES RELATED TO PROSTITUTION

OPINIÃO DE MULHERES SOBRE SUA VIDA RELACIONADA COM A PROSTITUIÇÃO

LA OPINIÓN DE LAS MUJERES ACERCA DE SU VIDA RELACIONADOS CON LA PROSTITUCIÓN

Cláudia Jaqueline Martinez Munhoz¹, Maria Aparecida Tedeschi Cano², Zaida Aurora Sperli Geraldles Soler³,
Airton Camacho Moscardini⁴

ABSTRACT

Objective: to know the opinions of women on their lives related to prostitution. **Methodology:** qualitative study, phenomenological, exploratory and descriptive, conducted in Votuporanga, São Paulo, Brazil, from September 2007 to December 2008. Interview was used to open from guiding questions. The interviews were transcribed preserving the identity of contributors using the term participant 1, 2, 3 and so on. We followed the steps of sorting the data, classification and definition of the core of meaning, articulating the discourse of social actors discussing them with literature. **Results:** twenty professionals were interviewed. According to the reading, were separated and organized the following nuclei of sense: sexuality and gender, and age discoveries, choices, meeting with partners \ customers outside of the programs, prejudice. **Conclusion:** women participating in this study carried a stigma with pre-established, it is necessary to change, the health professional who works in the integral health of women, have a goal in its mission, strategies of care to guide and assist this group. **Descriptors:** prostitution; sexuality; women's health.

RESUMO

Objetivo: conhecer a opinião de mulheres sobre sua vida relacionada com a prostituição. **Metodologia:** estudo qualitativo, fenomenológico, exploratório e descritivo, realizado em Votuporanga, São Paulo, Brasil, de setembro de 2007 a dezembro de 2008. Foi empregada a entrevista aberta a partir de questões norteadoras. As entrevistas foram transcritas na íntegra preservando a identidade das entrevistadas usando o termo participante 1, 2, 3 e assim sucessivamente. Foram seguidos os passos de ordenação dos dados, classificação e definição dos núcleos de sentido, articulando as falas dos atores sociais discutindo-as com literatura. **Resultados:** foram entrevistadas vinte profissionais. De acordo com a leitura, foram separados e organizados os seguintes núcleos do sentido: sexualidade e sexo, descobertas e idade, escolhas, encontro com parceiros\clientes fora dos programas, preconceito. **Conclusão:** As mulheres participantes deste estudo carregavam consigo um estigma pré-estabelecido, que se faz necessário mudar, devendo o profissional da saúde que atua no programa integral à saúde da mulher, ter como meta em suas atribuições, estratégias de cuidados para orientar e assistir esse grupo. **Descritores:** prostituição; sexualidade; saúde da mulher.

RESUMEN

Objetivo: conocer las opiniones de las mujeres acerca de su vida relacionados con la prostitución. **Metodología:** estudio cualitativo, fenomenológico, exploratorio y descriptivo, realizado en Votuporanga, São Paulo, Brasil, a partir de septiembre de 2007 a diciembre de 2008. Entrevista se utilizó para abrir a partir de preguntas guía. Las entrevistas fueron transcritas textualmente la preservación de la identidad de los contribuyentes utilizando el término participante 1, 2, 3 y así sucesivamente. Hemos seguido los pasos de selección de los datos, la clasificación y la definición del núcleo de sentido, articulando el discurso de los actores sociales a discutir con la literatura. La mayoría de las mujeres comenzaron su actividad sexual alrededor de los 11 años de edad, casi todos eran molestadas por el padre o padrastro, quedó embarazada y dejó la casa, que lo rodean con la historia personal de vida y la prostitución. **Resultados:** se entrevistó a veinte profesionales. Según la lectura, se separaron y organizado los siguientes núcleos de sentido: la sexualidad y el género, la edad y los descubrimientos, las opciones, la reunión con los socios \ clientes fuera de los programas, los prejuicios. **Conclusión:** Las mujeres que participan en este estudio con un estigma preestablecidos, es necesario el cambio, el profesional de salud que trabaja en la salud integral de las mujeres, tienen un objetivo en su misión, las estrategias de atención para orientar y ayudar este grupo. **Descriptores:** la prostitución; sexualidad; salud de la mujer.

¹Enfermeira. Mestre em Promoção à Saúde pela Universidade de Franca. Doutoranda em Ciências em Saúde da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Professora do Centro Universitário de Votuporanga, São Paulo, Brasil. E-mail: jaque.vot@ig.com.br; ²Enfermeira. Livre Docente. Professora da Universidade de Franca, São Paulo, Brasil. Professora da Pós-Graduação Ciências da Saúde. Subárea: Promoção à Saúde. E-mail: cano@unifran.br; ³Enfermeira Obstetriz e do Trabalho. Mestre e Doutora em Enfermagem Obstétrica pela Universidade de São Paulo. Livre Docente em Enfermagem pela Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Docente e orientadora da graduação e pós-graduação da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto. Diretora Adjunta de Extensão de Serviços à Comunidade da FAMERP. Email: zaida@famerp.br; ⁴Médico. Professor Doutor em Medicina. Diretor Adjunto de Ensino da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: cipdep@famerp.br

INTRODUÇÃO

Historicamente, a prática da prostituição é tão antiga que se confunde com a história da humanidade. No Brasil, há discurso oficial que se preocupa com a expansão do mercado do sexo, que cada vez mais seduz as jovens a abandonarem suas profissões convencionais para tentar a sorte neste ramo.¹

Atualmente, o Código Penal Brasileiro relaciona-se com a prostituição de forma ambígua. Ao mesmo tempo em que condena o lenocínio (exploração comercial e incitamento à prostituição), omite a prostituta como pessoa jurídica. Para mudar esse panorama, em 1982 teve início um movimento em São Paulo entre prostitutas, reivindicando transformar a prostituição numa atividade profissional com valor social e direito, como qualquer outra categoria de trabalhadores. Além de direitos trabalhistas, reivindicam a legalização e sindicalização de suas associações, propõem exigibilidade de pagamento por serviço de natureza sexual, tramitando desde então projeto de lei para oficialização do trabalho do profissional do sexo.^{2,3}

O corpo sexualizado da prostituta e a possibilidade dela obter prazer com a sua profissão é extremamente ameaçador para a sociedade, visto que subverte todas as representações ideológicas da sexualidade da mulher, restrita ao papel de procriadora. No entanto, diante de um cenário social com articulação de diversos fatores histórico-culturais, a prostituição fundamenta-se na comercialização do corpo por coerção\escravidão ou para atender a necessidades básicas de sobrevivência. A crise econômica e social contribui para o aumento do comércio sexual, gerando renda suficiente e rápida. Dentre as escolhas para a prostituição tem como forte influência a necessidade de sustentar a família, auto responsabilidade pela manutenção e subsistência do grupo doméstico e o baixo nível de escolarização, dificultando a inserção no mercado de trabalho que está cada vez mais exigente.⁴

É necessário considerar a prostituição uma questão de saúde pública, identificando-a como um desafio para as políticas públicas de atenção em saúde, com vistas a estabelecer prioridades e assistência adequada, discutir a vulnerabilidade, riscos sociais e psicológicos decorrentes.

Pelo exposto este estudo tem o objetivo de conhecer a opinião de mulheres sobre a vida com a prostituição.

Para melhor fundamentar este estudo buscou-se na revisão da literatura científica a compreensão desta temática, como se apresenta a seguir.

REVISÃO DE LITERATURA

Conceitos e preconceitos sobre prostituição foram sendo assimilados pela humanidade desde a antiguidade e estão presentes na fala e no imaginário da sociedade, como forma de ocultar as vertentes adversas que alimentam e contribuem para sua existência. Assim a prostituição é vista como *ato ou efeito de prostituir ou de se prostituir; vida de devassidão ou impudícia; vida das prostitutas; profanação; modo habitual de vida da mulher que se entrega à prática retribuída do trato sexual*.⁵

Com essa definição pode-se observar a presença de conteúdos morais “vida de devassidão ou impudícia”, apresentando uma valoração negativa do fenômeno ou ainda “profanação”, que revela relação com o sobrenatural, o divino, além de “depravação” e “libertinagem”, o que torna mais eloquente o sentido negativo atribuído comumente ao termo.

Nas sociedades matriarcais, a cultura, a religião e a sexualidade eram interligadas, sendo que se praticava a “prostituição sagrada” a qual consistia na prática sexual das “sacerdotisas do templo”, consideradas as representantes da deusa, mistura de mulheres sagradas e prostituta.⁶ Acreditava-se serem as criadoras da força da vida, portanto, o centro de toda atividade social, fazendo da prática com rituais sexuais uma adoração as deusas femininas. No entanto, o modo de considerá-la foi sendo modificado conforme a transferência para o domínio patriarcal.⁶

Ressalta-se que nas sociedades matriarcais os valores culturais eram diferentes dos das patriarcais, visto que se embasavam na autoridade religiosa, na coesão do coletivo, na tradição; o patriarcado, ao contrário, priorizava o poder militar, as guerras e a força individual; o matriarcado se alicerçava na autoridade cultural e o patriarcado no poder político.⁷

No relacionamento matriarcal a sexualidade entre homem e mulher não fazia separação entre sexualidade e espiritualidade, a deusa era aquela que renovava a vida, trazendo amor, paixão e fertilidade. A força oriunda da deusa trazia satisfação consciente da beleza e da paixão em seu corpo, promovendo a comunicação entre desejo carnal e o divino, entre corpo e alma. As sacerdotisas mantinham em nome da deusa

um ritual de fertilidade para o qual não havia pagamento, não se caracterizava a relação pela impessoalidade e os presentes oferecidos pelos homens ficavam no templo.⁷

A existência da prostituição sagrada é dada pelo próprio fato da necessidade, uma vez que as mulheres eram solteiras e realizavam as tarefas servis nos templos. Os homens as procuravam para satisfação sexual, com isso atendiam os interesses pela busca dos favores divinos e satisfaziam sexualmente os homens da comunidade em prol de suas necessidades.⁷

Encontram-se relatos que nesta época existia a prostituição profana, onde as mulheres que se sustentavam recebiam pagamento em troca de sexo; viviam em tabernas, bordéis e lugares de entretenimento, sendo discriminadas e excluídas do convívio social, não tinham direito à cidadania e os filhos eram tratados como bastardos poucas eram mantidas por homens de posse, sendo um número menor de mulheres, eram consideradas cortesãs de homens que lhes podiam manter protegidas da lei. Ao contrário das prostitutas sagradas que viviam em casas especiais, próxima do templo com sua reputação protegida, podendo herdar bens e propriedades de seus pais.⁷

Os gregos por volta dos séculos IV e V aC. eram povos festivos e amantes da liberdade formando a sociedade patriarcal. Para os homens de posse, a vida sexual era vivida intensamente, pois tinham condições de pagar pelos serviços sexuais. Existiam vários tipos de prostitutas, como as cortesãs da classe alta, as dançarinas, as meretrizes, as escravas dos bordéis, com diferentes níveis sociais e econômicos, também havia os adolescentes, as concubinas e escravas domésticas.⁷

Qualquer mulher que queria gozar de liberdade, independência ou fugisse do modelo de esposa seria classificada como membro da classe das prostitutas. O crescimento e o lucro conseguido por elas começaram a chamar a atenção dos governantes que idealizaram os bordéis gerando lucro. As mulheres eram chamadas de “mulheres públicas” ou “mulheres de todos”; passaram a viver em situação precária e com papéis estabelecidos pelo governo, que apenas desejava o lucro. Recebiam salário do Estado entregue pelo gerente do bordel surgindo a cafetina e a exploração do sexo. Nesta, os bordéis eram administrados por um responsável que fazia cumprir o horário de funcionamento e o correto pagamento dos clientes a casa.⁶

Em Roma as regras morais eram estabelecidas pelos imperadores, sendo os

homens livres para fazerem o que desejassem e podiam satisfazer todos os desejos. A prostituição era aceita e considerada como uma profissão, porém as mulheres da classe dominante eram proibidas de se prostituir e cabia-lhes se casarem e gerar herdeiros romanos. Foi o Estado Romano que criou um registro de cadastro de prostitutas onde se constatou que havia duas categorias: as meretrizes pobres e sujeitas ao poder público. Eram registradas, listadas com nomes, idade, endereço e recebiam uma licença para trabalhar, colocado seu nome na lista nunca mais seria excluído. A segunda categoria eram as mulheres livres que não eram registradas e não tinham licença para trabalhar.⁶

As profissionais com pouco recurso tinham a rua como opção, melhor do que bordéis com quartos pequenos, mal iluminados, com pouca mobília e taxas abusivas para as mulheres. As escravas seguiam com os exércitos romanos por onde fossem e se instalassem, construindo para elas cubículos para suas práticas sexuais com os soldados durante o dia e a noite, além de cuidar dos feridos, cozinhar e outros afazeres domésticos para a corporação.

Com o início da Idade Média e o surgimento do feudalismo, o modo de organização na sociedade Européia e o Cristianismo se fortaleceram. Com isso veio à repressão sexual com desastrosas conseqüências para as mulheres. Instituída a castidade com aversões e discriminações privilegiando o poder hierárquico do masculino.⁶

Na Idade Média o que predominava para as mulheres era o matrimônio, aquelas que demorassem a se casar, as viúvas por muito tempo ou as separadas eram alvo de caça dos homens, a moral da mulher estava vinculada a condição social e matrimonial; a prostituição urbana era formada por mulheres livres que viviam em cervejarias, cafés, bordéis, casa de tolerância e banhos públicos. A prostituição era ora tolerada, ora proibida, porém sua existência fazia parte de uma estratégia para manter as mulheres direitas, de família, casadas e mantidas no lar fora do assédio dos homens, cabendo as prostitutas satisfazerem os desejos masculinos.⁶

Assim novas casas de prostituição passaram a ser administradas pela burguesia em troca de taxas baixas paga ao município pela exploração do comércio sexual. Percebendo o lucro que poderiam ter com este comércio alugavam quartos com preços exorbitantes e obrigavam a comprar em seus comércios de comidas e lojas com preços extorsivos tornando as mulheres escravas sexuais da burguesia.

Com a Revolução Industrial grande oferta de mão-de-obra aconteceu, porém os salários diminuíram tornando insuficiente a sobrevivência das famílias. A mão-de-obra feminina era menor fazendo as mulheres optarem por se unirem a um homem para garantir a sobrevivência — prostituição indireta —, ou completar sua renda com outro emprego, neste caso, a prostituição atraía pela possibilidade de ganho extra.⁶

Por algum tempo a polícia, o Estado e a burguesia tentaram controlar essa prática, mais o controle foi apenas uma forma de ocultar a tentativa de lucro por essa instância, usando um discurso de manter a ordem e a saúde de todos. Também houve uma idealização da mulher de bem e uma depreciação da prostituta, porém esta era útil para manter a ordem e a economia, além de possibilitar aos homens praticarem a abstinência sexual com suas esposas — sendo de interesse da sociedade na época este fato.

Na França, no período de 1830 a 1930, a prostituta era atuante e seu cliente mero coadjuvante, deixando transparecer que eles só existiam porque elas ofereciam o serviço. O bordel não tinha um papel definido, servia para encontros com fins sexuais e para negócios, alimentação e reuniões, mais tarde ampliando para local de todos os tipos de prazeres.⁸

A maior parte das profissionais do sexo adveio de classe sócio-econômica baixa, na qual a pobreza, o abuso sexual, a violência doméstica, o alcoolismo, o abandono ou perda de pais entre outros, foram motivos para escolherem a profissão como fonte de renda.⁸

Na Europa século XX tentou-se manter uma ordem de castidade para as mulheres a fim de amenizar o número de profissionais do sexo, sendo as prostitutas perseguidas, ameaçadas e vulneráveis ao abuso de clientes e da polícia; aparece o cafetão como apoio emocional e de assistência legal ocorrendo uma inversão no que se falava e se fazia.⁸

No século XX nos Estados Unidos a prostituição era considerada um crime, com punições para quem a praticasse. Durante a primeira Guerra Mundial a prática sexual foi muito rentável e a indústria do sexo cresceu, sendo estimulada pelo número de homens sozinhos em busca de desejos e satisfações carnavais, bem como pelo número de mulheres com maridos ausentes que necessitavam de subsistência.⁸

A prostituição teve seu principal alicerce no motivo econômico. Toda crise econômica ou qualquer evento que deixasse a mulher sem seu parceiro e condições para seu

sustento provocava uma procura pela prostituição como sobrevivência. Na sociedade romana, grega e ateniense além da sobrevivência, as mulheres procuravam na prostituição maior liberdade do domínio masculino e nas sociedades ocidentais procuravam como escolha de maneira consciente na tentativa de melhorar de vida, saindo situação ultrajante de pobreza e maus tratos.⁸

No mundo contemporâneo, acadêmicas ou mulheres de classe média buscam essa atividade para pagar a faculdade ou completar a renda familiar, tornando-se “garotas de programa”, “massagistas”, “acompanhantes de luxo”. Prostitutas de nível alto que se envolviam com essas atividades temporariamente passando para empregos de maior prestígio. Porém, o que chama a atenção é o volume de dinheiro que a prostituição movimentava o discurso e a moral escondida nos lucros e interesses da sociedade.⁶

A prostituição é um negócio a dois: prostituta/cliente, prostituta/protetor, prostituta/prostituta, prostituta/dona de bordel. Assim, também ocorre com as duplas: dinheiro/sexo, desejo/impotência, desejo/perversão, imaginário/real. Quem “caía na vida” era pela necessidade, em alguns momentos, por serem seduzidas pelo financeiro, pelo abandono, por escolha própria, por marginalização social, afetiva e sexual. A mulher não nasce prostituta, mas se transforma ao longo de sua trajetória, umas jovens, outras mais velhas e dificilmente assumiam sua profissão e seu papel na sociedade.^{6,8}

O ponto básico para compreender a prostituição é entender que desde o baixo meretrício com programas baratos até a prostituição de alto luxo, dependendo apenas do perfil sócio-econômico-cultural de quem a exercia. Em todos os momentos percebe-se o discurso dicotômico da sociedade, por um lado a necessidade de sobrevivência incentivando essa atividade, os padrões machistas vigentes a valorização das esposas e virgens o que permitia ao homem liberdade sexual aceita e justificada provendo o contínuo incentivo à profissão.⁹

No Brasil, os bordéis estão localizados em áreas da periferia e/ou disfarçados nas regiões centrais da cidade, mesmo as prostitutas de rua ficam confinadas a algumas regiões específicas da cidade. É um negócio de pares⁹ onde existe uma troca, pouco se fala do cliente ficando apenas a profissional do sexo exposta como ofertando o serviço,

porém não há relatos que está vinculada ao masculino a manutenção da prostituição.

● A prostituição e seu espaço

A prostituição é uma atividade profissional em que de um lado há fornecimento de prazer sexual e do outro o pagamento que é realizado de modo sistemático. No sistema capitalista tem-se características de exploração alicerçada na discriminação feminina, muitas vezes considerada como um mal da sociedade, algo impuro e sujo; segundo a Igreja Católica como algo contaminado que deve ficar longe das famílias de bons costumes não perturbando a ordem estabelecida. Porém, deve continuar a prostituta manter os costumes vigentes, tais como: a virgindade das moças e a segurança das esposas. O prazer proporcionado ao cliente não elimina a existência da degradação social, a indiferença afetiva da relação, por isso vivem na periferia para esconder o que não se sabe compreender: a sexualidade/a relação homem/mulher.⁹

A prostituta é considerada habilidosa, pois vende um produto e dá ao cliente, a ilusão de relação de domínio, sendo-lhe necessário dar satisfação. Seu encantamento se deve ao fato de estar ligada ao prazer, a fantasia, a gratificação integral, também pelo fato de aceitar qualquer homem.¹⁰ Embora não pareça, as prostitutas têm suas escolhas em relação ao cliente, tais como: ser um bom pagador, ter fama de ser rapidinho, ser cheiroso, ser charmoso, usar preservativo, dentre outros.

As mulheres que estão institucionalizadas escolhem os clientes assim que eles chegam ao local, aproximam-se deles e iniciam a relação. Porém, isso depende de como eles chegam, se estão de carro, de bicicleta, a pé, de caminhão e, também, como se apresentam: bem vestidos, sujos ou malcheirosos, sobretudo pela sua situação financeira.¹⁰

As prostitutas são objetivas, falam do serviço e preço, tipo e qualidade do sexo. Sempre existiu um mercado de negociação, sendo presente um cliente e uma prostituta, porém o agente prostituinte é o cliente que mantém e incentiva sua atividade. O bordel não é apenas o local onde a prostituta tem espaço social e econômico demarcado como animal e esconde o que a sociedade não quer ver: sexo sem compromisso, prazer e fantasia sexual. Faz-se necessário ampliar o olhar e ver não somente o lado social e econômico e sim o prazer, a carência afetiva, a falta de liberdade, a falta de opção de trabalho, a falta de profissionalização, a violência dos

pais e a desejo de experimentar outra atividade.¹¹

Para os homens a motivação em procurar a prostituta é a satisfação de seus desejos, envolver-se com a mulher-objeto, trocar seus desejos carnaais, e suas fantasias. A mulher é objeto, porém, o cliente também o é. No prostíbulo ele vale o dinheiro que paga, que tem. A prostituta os levam a exaltação, sentindo-se poderosos pelo seu domínio e pela realização da fantasia sexual. A prostituta é como uma mulher fatal, por uma lado, como vítima do poder econômico e social, por outro, como sofredora de família desorganizada ou desestruturada, sofredora de abusos sexuais de pais, padrasto ou violências que levaram para a prostituição.¹¹

No imaginário representa o que jamais a mãe e a esposa podem ser: sensual, depravada, despudorada, sem dono, livre para o sexo de todos os tipos; não exige nada, nem atenção, apenas o pagamento no final do trabalho, tem apenas o papel de satisfazer os homens casados e iniciar os jovens na vida sexual; também de atender a necessidade dos deficientes físicos, mentais, idosos, abandonados, presos e bandidos, ou seja, aqueles que as mulheres comuns não os aceitariam.¹¹

Os bordéis não vivem somente de sexo, oferecem festas, alegria, exageros de bebidas, danças, aventura e realização sexual. As mulheres que freqüentam os bordéis sempre foram tratadas como transgressoras do bom costume, vistas como transmissoras de doenças. Com o crescimento e a urbanização os padrões mudaram, moças e rapazes têm maior proximidade nos eventos, porém não deixou de existir a prostituição e o papel da prostituta está cada vez mais presente.

METODOLOGIA

Realizou-se um estudo qualitativo, fenomenológico, exploratório e descritivo, sobre a prostituição de um grupo de mulheres residentes no município de Votuporanga, São Paulo/Brasil, no período de setembro de 2007 a dezembro de 2008.

O estudo fenomenológico conduz a investigação do fenômeno a partir da vivência do próprio indivíduo com o propósito de compreender o sentido e os significados atribuídos aos fatos. Dois momentos acontecem: primeiro, o envolvimento existencial onde há aproximação com o fenômeno, livre de julgamento, censura e/ou preconceito; segundo, o distanciamento reflexivo no qual se pode “dar um mergulho”

no mundo/vida do entrevistado e elucidar os significados atribuídos a sua percepção.¹²

A pesquisa qualitativa baseia-se no interesse em compreender a complexidade dos fenômenos que não se restringem a dados estatísticos. O instrumento de investigação deveria entender a realidade, ultrapassando os fenômenos percebidos pelos sentidos, sendo capaz de trazer para o interior da análise o subjetivo e o objetivo, os atores sociais e o próprio sistema de valores dos cientistas, os fatos e seus significados, a ordem e os conflitos.¹³

Nos estudos exploratórios, o pesquisador parte de uma hipótese e aprofunda seus estudos nos limites de uma realidade específica, em busca de antecedentes e de maiores conhecimentos para planejar uma pesquisa descritiva.¹⁵

A pesquisa descritiva utiliza como registro, análise e o correlacionamento de fenômenos, sem manipulá-lo, tendo o ambiente natural como principal fonte de dados para descobrir a natureza e as características de um fenômeno.¹⁶

● Procedimento de coleta de dados

Este estudo foi realizado entre 20 profissionais do sexo, que atuavam em chácaras da cidade de Votuporanga especialmente para fins de prostituição, atendendo com horários previamente agendados, para evitar transtornos e exposição dos clientes.

Foram feitas visitas preliminares nas chácaras, pedindo-se autorização para os gerentes para a abordagem das profissionais do sexo, para solicitação de participação na pesquisa. Assim, após explicação do objetivo da pesquisa para as responsáveis pelas chácaras, houve o contato com as mulheres, no qual lhes foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participarem do estudo, conforme é preconizado pela Resolução 196/96 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP.¹⁴

Foram critérios de inclusão na pesquisa que todas deveriam ter mais de 18 anos, aceitar em participar voluntariamente desse estudo e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados foram coletados nas chácaras, por meio de entrevistas, realizadas pela primeira autora desta pesquisa, utilizando um roteiro de entrevista semi-estruturado, em que constavam dados de identificação e as questões norteadoras: *fale-me sobre seu sentimento acerca de sua vida e sua sexualidade; como você se sente neste*

tipo de vida? qual sua relação com seu cliente?

Tal tipo de entrevista é baseado na combinação de perguntas fechadas (ou estruturadas) para identificação do sujeito e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto pelo pesquisador; ainda, que essa possa ser feita verbalmente ou por escrito, mas exige a presença e a interação direta entre o pesquisador e o pesquisado.¹⁵

A técnica de análise dos depoimentos colhidos na entrevista, em resposta às perguntas norteadoras consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido.¹⁵

Por núcleo de sentido entende-se o conjunto de categorias empíricas que povoam o campo semântico definidor do conceito, das causas, das associações e da significância do fenômeno prostituição. A análise dos núcleos de sentido ocorreu por meio de um movimento dialético estabelecido entre a interpretação dos textos e o contexto sociocultural em que se produziu a fala.¹⁷

Nessa investigação seguiram-se os passos de ordenação dos dados, formando os núcleos de sentido¹⁵. Deste modo, os dados foram classificados, sendo organizados os núcleos de sentido, como forma de articulação da fala dos atores sociais e a referência anteriormente estudada, como meio de confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes na revisão da literatura realizada.

De acordo com a leitura, foram separados e organizados os seguintes núcleos do sentido: ***sexualidade e sexo, descobertas e idade, escolhas, encontro com parceiros\clientes fora dos programas, preconceito.***

Todos os tópicos das entrevistas puderam ser gravados, em seguida as entrevistas foram transcritas e posteriormente analisadas, a partir de categorias temáticas apresentadas no núcleo de sentido. Estas categorias foram encontradas por meio das perguntas norteadoras do estudo¹⁵, um diário de campo foi utilizado juntamente com as entrevistas para expressar os momentos dos quais não poderíamos interpretar apenas com a transcrição da fala das participantes.

Ocorreram dez encontros com cada sujeito, em locais e horários pré-determinados pelos gerentes das chácaras, sendo as entrevistas realizadas entre janeiro a julho de 2008.

Este estudo cumpriu os princípios éticos de pesquisa envolvendo seres humanos da Resolução 196/96 da Comissão Nacional de

Ética em Pesquisa – CONEP¹⁴, com a obtenção do consentimento livre e esclarecido dos participantes, bem como teve o projeto de pesquisa aprovado sob o nº. 3122\2007 pelo comitê de Ética em Pesquisa da FAMERP-SJRP.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fizeram parte desta pesquisa vinte profissionais do sexo, na faixa etária de 18 a 51 anos, que atuavam em chácaras da cidade de Votuporanga, especialmente destinadas a atividades de prostituição. A escolaridade das mulheres participantes do estudo era: dez tinham até a 5ª série do ensino fundamental, cinco tinham ensino fundamental completo, três tinham ensino médio completo e duas com ensino superior completo. Exerciam suas atividades apenas nas chácaras, provenientes de classes mais desfavorecidas economicamente e socialmente.

Deixaram bem claro que sabem o que é sexualidade e sua relação com sua atividade. Embora com baixa escolaridade, eram bastante comunicativas, facilitando nosso diálogo, destacando-se relatos de que: buscaram a profissão por não ser necessário ter formação técnica, uma forma de ter renda lucrativa, na chácara há os gerentes, considerados como protetores e o local como um porto seguro.

Em todas as casas os gerentes afirmaram que o lucro advém apenas do consumo da bebida e comida. Com relação ao consumo notou-se um superfaturamento em relação ao preço comercializado em bares da cidade. Os valores cobrados pelas profissionais variam de acordo com o cliente e a profissional, entre 50 a 160 reais.

As mulheres relataram que observam a bebida que está sobre a mesa para identificar o quanto o cliente está disposto a gastar, além de observar seu modo de vestir e apresentar-se. As mulheres que já são fixas de alguns clientes não fazem tal questionamento, já que os mesmos já chegam e as procuram e o consumo é feito no próprio quarto da profissional, evitando a exposição do cliente.

Todas as entrevistas foram analisadas em profundidade, a partir da construção do discurso de cada profissional do sexo. Tentou-se aglutinar categorias temáticas que nortearam seu discurso e encontrou-se cinco categorias que são discutidas a seguir:

1. Núcleo de sentido: Sexualidade e sexo

Neste núcleo de sentido destacamos que as profissionais do sexo têm sentimentos próprios a respeito da sexualidade e sobre sexo, conforme se observa nos relatos a seguir:

[...]sexualidade é você sentir-se sexy, bonita, aquele momento só seu, agora sexo é o ato de fazer sexo geralmente você acha em qualquer lugar. P2

[...]eu acho que sexualidade faz parte da pessoa e o sexo é o que gente faz aqui. P3

[...]sexualidade é tesão e sexo é fazer sexo. P4

[...]sexualidade é diferente de sexo, mas aqui o cliente não faz diferença ele quer sexo mesmo. P7

[...]eu não sei se tem diferença, pra mim é tudo sexo. P13

[...]pensei que fosse a mesma coisa. É diferente? P19

2. Núcleo de sentido: Descoberta e idade

A maior parte referiu ter começado nessa atividade por volta de 11 anos de idade e quase todas foram molestadas pelo pai ou padrasto, engravidaram e saíram de casa.

[...]quando eu tinha mais ou menos doze anos meu padrasto tentou me molestar, então fugi de casa e acabei vindo para cá. P7

[...]eu tinha dezenove anos, fazia faculdade e precisava de dinheiro e não tinha então sai com um carinha e ele me deu uma grana legal, gostei e procurei aqui. P8

[...]eu tenho uma profissão mas ganhava pouco. Nos programas ganho muito mais. P15

[...]não tinha para onde ir, meu padrasto me colocou para fora de casa porque falei que ia contar para minha mãe que ele me procurava a noite. Sem rumo acabei conhecendo as meninas e vim pra cá. P12

[...]fiquei grávida do irmão do meu pai, minha família disse que eu é que tava em cima do meu tio e mandaram eu sair de casa. Não tive escolha era o único lugar que me aceitou. P11

[...]moça se já teve fome?

Sabe eu tive, passei frio e fiquei na rua muito tempo, cheirei cola pra passar a fome...

Ai falaram que aqui era bom eu vim. P 6

Segundo as participantes o dinheiro que conseguem com seu trabalho é um dinheiro fácil, mas não tão fácil assim. É fácil porque, em pouco tempo, elas ganham um valor que a maioria das pessoas levaria meses para conseguir.

[...]sabe não é um dinheiro fácil, mas vem rápido. Acho que é por isso que a gente também busca essa vida. P3

[...]num final de semana ganhei cinco mil e transei com cento e cinquenta e seis homens[...]

Sabe o que é isso? (perguntou com a mão na cintura e batendo os pés) “ P9

[...]quem não faz acha que é fácil, mas tem dia que gente sente nojo e tem vontade de sair... (abaixou a cabeça).mas não é fácil não depende da gente[...] tem muita coisa envolvida entende!!!! (pisçou o olho) P11

3. Núcleo de sentido: Escolhas

Foi feita a análise do complexo de relações que permeiam a existência, que se articulam na história social, cultural e econômica do lugar em que vivemos e do ambiente em que somos criados, deixando marcas que refletirão futuramente.

[...]eu to nessa profissão por necessidade, um emprego é duro de conseguir, mais eu tenho prazer também. P1

[...]sabe às vezes no emprego somos humilhadas, somos mal tratadas porque somos domesticas entende, aqui não os homens levantam a auto estima da gente (rindo muito). P 11

[...]a gente entra nessa vida e acha que é fácil sair , mas não é bem assim. Parece uma bola de neve muito difícil de sair, não parece mais tem muita coisa envolvida que você nem imagina. P 12

[...]eu precisava comer, dormir e aqui eu tenho isso. P10

[...]é uma necessidade mais eu gosto também, sou tratada igual rainha na cama (falou rindo alto). P7

[...]eu tava na rua, com fome e dormindo no chão. A policia sempre dava uma batida lá na praça , aqui eu to mais segura. P2

[...]nunca que eu ganho trabalhando na minha profissão o que tiro na noite ou final de semana, olha o corpinho filha” precisa de muito trato pra manter ele assim e isso precisa de grana entende pessoa!. P15

Embora tenham sido levadas a se prostituir por contingências adversas isto não significa que não tiveram consciência das suas escolhas. Percebe-se que a opção de ser profissional do sexo possibilitou-lhes o acesso a bens e estilo de vida que de outra forma não seria possível.

4. Núcleo de sentido: Encontro com parceiros\clientes fora da chácara

De acordo com as participantes esta é uma profissão em que não se tem parceiros, nem amigos. Isolam-se muitas vezes do mundo, traçam metas a cumprir e procuram não pensar no que está a sua volta.

[...]quando vejo algum cliente em algum lugar disfarço ao máximo. P 16

[...]apaixonei-me por um cliente, sofri muito... você acha filha que ele ia largar da mulher para ficar comigo? P11

[...]eu me apaixonei ele era casado... largou da mulher[...] eu juntei com ele, mas a sociedade pune a gente moça e eu voltei

para cá... ele deve de te voltado pra vida dele. P17

[...]menina não é que encontrei o velho no mercado e ele passou a mão na minha bunda, eu levei o maior susto. A mulher coitada nem viu. Eta velho safado!.P3

5. Núcleo de sentido: Preconceito

O preconceito foi identificado nesse estudo a partir das falas das participantes. Algumas relatam que a sociedade é cruel, contraditória e injusta. A sociedade incorpora a naturalização, embora trate dessas diferenças e preconceitos, favorecendo que se aflore no senso comum, um grande preconceito quando há referência a profissionais do sexo. A sociedade pune, rotula e marca.

Vale destacar que em uma entrevista, a participante levantou-se, assustando a pesquisadora e falou:

Pergunto a você[...] Qual a diferença entre mim e você? Fala ai moça[...]

Quando você vai para cama sem querer você também não é como eu?”P20

[...]quando chego à Unidade Básica de Saúde ou saio na rua as pessoas olham com desprezo, percebo comentários, gostaria que as pessoas tivessem preparadas para atender a gente de outra forma você entende!” P5

[...]sabe por muito tempo eu tinha preconceito de mim mesma. P19

[...]a gente chega à unidade de saúde e elas olham de baixo em cima parece que tenho doença ruim, isso me deixa triste. P12

[...]eu cheguei à unidade de saúde[...] rindo muito com meu corpinho pra dar inveja né! Elas me olharam me atenderam ficaram olhando meu carro[...] (gargalhadas eu posso né bem!) [...]

Eu me divirto com o povo[...] porque eu sou feliz como eu sou!” P15

[...]acho que ta na cara que sou prostituta porque todo mundo olha” P13

[...]tem horas que incomoda a gente parece que ta suja todo mundo olha pra gente e comenta algo. P9

Em seus relatos referem não se incomodar de serem alvos de discriminação por parte da sociedade. Porém, demonstram certa ironia quando observam que a sociedade diferencia a mulher que vende seu corpo e a mulher que o usa de acordo com seu desejo. A mulher que vende o corpo não presta, já a mulher que tem uma vida sexual ativa e não é casada falta-lhe apenas orientação.

Vários aspectos ficam em destaque na análise da bibliografia sobre o assunto e nos relatos das mulheres participantes desta pesquisa, como segue:

A prostituição é uma atividade profissional em que de um lado há fornecimento de prazer sexual e do outro o pagamento que é realizado de modo sistemático. No sistema capitalista têm-se características de exploração alicerçada na discriminação feminina, muitas vezes considerada como um mal da sociedade, algo impuro e sujo. Segundo a Igreja Católica é algo contaminado, que deve ficar longe das famílias de bons costumes, para não perturbar a ordem estabelecida. Porém, a prostituta deve existir para manter os costumes vigentes, como a virgindade das moças e a segurança das esposas. O prazer proporcionado ao cliente não elimina a existência da degradação social, a indiferença afetiva da relação, por isso vivem na periferia para esconder o que não se sabe compreender: a sexualidade/a relação homem/mulher.⁹

A prostituta é considerada habilidosa, pois vende um produto e dá ao cliente a ilusão de relação de domínio, sendo-lhe necessário dar satisfação. Seu encantamento se deve ao fato de estar ligada ao prazer, à fantasia, à gratificação integral, também pelo fato de aceitar qualquer homem. Embora não pareça, as prostitutas têm suas escolhas em relação ao cliente, tais como: ser um bom pagador, ter fama de ser rapidinho, ser cheiroso, ser charmoso, usar preservativo, dentre outros.¹⁰

As mulheres que estão institucionalizadas escolhem os clientes assim que eles chegam ao local, aproximam-se deles e iniciam a relação. Porém, isso depende de como eles chegam, se estão de carro, de bicicleta, a pé, de caminhão e, também, como se apresentam: sobretudo pela sua situação financeira, se bem vestidos, sujos ou malcheirosos.¹⁰

Sempre existiu um mercado de negociação entre cliente e prostituta. As prostitutas são objetivas, falam do serviço e preço, tipo e qualidade do sexo., porém o agente prostituinte é o cliente que mantém e incentiva sua atividade. O bordel não é apenas o local onde a prostituta tem espaço social e econômico demarcado como animal e esconde o que a sociedade não quer ver: sexo sem compromisso, prazer e fantasia sexual. Faz-se necessário ampliar o olhar e ver não somente o lado social e econômico, mas sim o prazer, a carência afetiva, a falta de liberdade, a falta de opção de trabalho, a falta de profissionalização, a violência dos pais e a desejo de experimentar outra atividade.¹¹

Para os homens a motivação em procurar a prostituta é a satisfação de seus desejos carnis e fantasias, envolver-se com a mulher-objeto. A mulher é objeto, porém, o cliente

também o é. No prostíbulo ele vale o dinheiro que paga, que tem. A prostituta os levam a exaltação, sentindo-se poderosos pelo seu domínio e pela realização da fantasia sexual. A prostituta é como uma mulher fatal, por um lado, como vítima do poder econômico e social, por outro, como sofredora de família desorganizada ou desestruturada, sofredora de abusos sexuais de pais, padrasto ou violências que levaram para a prostituição.¹¹

No imaginário representam o que jamais a mãe e a esposa podem ser: sensual, depravada, despudorada, sem dono, livre para o sexo de todos os tipos; não exige nada, nem atenção, apenas o pagamento no final do trabalho, tem apenas o papel de satisfazer os homens casados e iniciar os jovens na vida sexual; também de atender a necessidade dos deficientes físicos, mentais, idosos, abandonados, presos e bandidos, ou seja, aqueles que as mulheres comuns não aceitariam.¹¹

A prostituição geralmente está alicerçada no motivo econômico. Toda crise econômica ou qualquer evento que deixasse a mulher sem seu parceiro e condições para seu sustento provocava uma procura pela prostituição como sobrevivência. Na sociedade romana, grega e ateniense além da sobrevivência, as mulheres procuravam na prostituição maior liberdade do domínio masculino e nas sociedades ocidentais procuravam como escolha de maneira consciente na tentativa de melhorar de vida, saindo situação ultrajante de pobreza e maus tratos.⁸

Por algum tempo a polícia, o Estado e a burguesia tentaram controlar essa prática, mais o controle foi apenas uma forma de ocultar a tentativa de lucro por essa instância, usando um discurso de manter a ordem e a saúde de todos. Também houve uma idealização da mulher de bem e uma depreciação da prostituta, porém esta era útil para manter a ordem e a economia, além de possibilitar aos homens praticarem a abstinência sexual com suas esposas — sendo de interesse da sociedade este fato.⁸

O ponto básico para compreender a prostituição é entender que desde o baixo meretrício com programas baratos até a prostituição de alto luxo, dependendo apenas do perfil sócio-econômico-cultural de quem a exercia. Em todos os momentos percebe-se o discurso dicotômico da sociedade, por um lado a necessidade de sobrevivência incentivando essa atividade, os padrões machistas vigentes a valorização das esposas e virgens, permitindo ao homem liberdade

sexual aceita e justificada, promovendo o contínuo incentivo à profissão.⁹

É importante ressaltar que a sociedade em geral tende a excluir os considerados diferentes como crianças que vivem na rua, prostitutas e doentes mentais, por exemplo, confinando-os em espaços determinados fora de seu campo de visão esperando com isto eliminá-lo s do convívio social, da nossa visão de mundo. Esconde-se por vergonha a população marginalizada, embora se saiba que só esconde de si mesmo, pois o problema é real, palpável e notório ⁸.

No Brasil, os bordéis estão localizados em áreas da periferia e/ou disfarçados nas regiões centrais da cidade, mesmo as prostitutas de rua ficam confinadas a algumas regiões específicas da cidade. É um negócio de pares onde existe uma troca, pouco se fala do cliente, expondo-se apenas a profissional do sexo, ofertando seu serviço.⁹

Os bordéis não vivem somente de sexo, oferecem festas, alegria, exageros de bebidas, danças, aventura e realização sexual. As mulheres que freqüentam os bordéis sempre foram tratadas como transgressoras do bom costume, vistas como transmissoras de doenças. O que chama a atenção é o volume de dinheiro que a prostituição tem movimentado e o discurso cínico e a moral escondida nos lucros e interesses da sociedade.⁶⁻⁹

A mulher não nasce prostituta, mas se transforma ao longo de sua trajetória, umas jovens, outras mais velhas e dificilmente assumem sua profissão e seu papel na sociedade. Quem “caía na vida” era pela necessidade, em alguns momentos, por serem seduzidas pelo financeiro, pelo abandono, por escolha própria, por marginalização social, afetiva e sexual.⁶⁻⁹

Com o crescimento e a urbanização os padrões mudaram, moças e rapazes têm maior proximidade nos eventos, porém não deixou de existir a prostituição e o papel da prostituta está cada vez mais presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto de análise da pesquisa foi possível ampliar nosso olhar acerca dos conflitos que atingem as profissionais do sexo. Consideramos relevante este tema sendo possível compreender a vivência das mulheres participantes, segundo sua trajetória de vida.

Podemos considerar que a prostituição é representada como um “mal necessário”, vista como um trabalho rendoso, que provê as necessidades matérias de subsistência do grupo familiar, mas também como um

dispositivo simbólico de transgressão por romper com as referencias de contextos sociais de nossa sociedade.

É importante ressaltar que o conhecimento sobre os significados compartilhados com as participantes desta pesquisa aqui podem auxiliar outros estudos e pesquisas neste contexto, contribuindo para a implementação de políticas publicas para uma nova história em assistência integral à mulher profissional do sexo, ao menos na cidade de Votuporanga, campo desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. Torres GV, Davim RMB, Costa TNA. Prostituição: causas e perspectivas de futuro em um grupo de jovens. Rev Lat-am de Enfermagem. 2008; 7(3):9-15.
2. Castro RV. Representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro. In: Spink MJ (org.). O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da Psicologia. São Paulo Brasiliense; 1995. P.149-187
3. Ortega CA. Prostituição e trabalho: um estudo sobre a visão de mulheres de programa. Aprimoramento em Saúde Coletiva: Reflexões: São Paulo. p.45-50.
4. Farinha MG. Adolescente profissional do sexo: encantos e desencantos da maternidade. [dissertação]. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto; 2001.
5. Michaelis. Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos; 1998.
6. Roberts N. As prostitutas na história. Tradução de Lopes M. Rio de Janeiro: Record; 1998.
7. Qualls-Coberts N. A prostituta sagrada: a face eterna do feminino. Tradução: Ferreira IFL. São Paulo: Paulus; 1990.
8. Adler LA. Vida nos bordéis de França, 1830-1930. Tradução: Santos MA. Lisboa: Terramar; 1990.
9. Bertero APA. Prostituição: uma forma de trabalho. [dissertação]. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; 1991.
10. Sousa FI de. O cliente: o outro lado da prostituição. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto; 1998.
11. Silva BL da. O rei da noite na Eldorado Paulista. [dissertação]. Franca: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; 2000.

12. Forghieri YC. Psicologia fenomenológica: fundamentos métodos e pesquisa. São Paulo: Pioneira; 1993.
13. Gomes R. O corpo na rua e o corpo da rua: a prostituição infantil feminina em questão. São Paulo: Unimarco Editora; 1996.
14. Brasil. Ministério da Saúde. Comissão Nacional de Ética e Pesquisa. Conselho Nacional de Saúde. Manual Operacional para Comitês de Ética em Pesquisa. Série CNS – Cadernos Técnicos, série A, Normas e Manuais Técnicos, n. 133. Brasília; 2002. 83-91p.
15. Minayo MC. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6^a ed. São Paulo: Hucitec; 1999.
16. Gomes RA. Análise de dados em pesquisa qualitativos. In: Minayo MCS. (org.). Pesquisa social: Teoria método e criatividade. 4^a ed. Petrópolis: Vozes; 1994.
17. Bruns MAT, Gomes OPJR. Prostituição: discurso de quem se vende e o silêncio de seu comprador. Jornal Brasileiro de DST. Rio de Janeiro; 8(4):4-13.

Sources of funding: Capes

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2009/02/09

Last received: 2009/06/10

Accepted: 2009/06/11

Publishing: 2009/07/01

Corresponding Address

Cláudia Jaqueline Martinez Munhoz

Rua dos Catequista, 3549

CEP: 15501-141 – Votuporanga (SP), Brasil